

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

JANEIRO DE 1868

Nº 1

Golpe de Vista Retrospectivo

O ano de 1867 tinha sido anunciado como devendo ser particularmente proveitoso para o Espiritismo, e essa previsão realizou-se plenamente. Ele viu aparecerem várias obras que, sem lhe trazer o nome, popularizaram os seus princípios, e entre as quais lembraremos *Mireta*, do Sr. Sauvage; *O Romance do Futuro*, do Sr. Bonnemère; *Deus na Natureza*, pelo Sr. Camille Flammarion. *A Razão do Espiritismo*, pelo Sr. juiz de instrução Bonnamy, é um acontecimento nos anais da Doutrina, porque aí a bandeira é altamente e corajosamente hasteada por um homem cujo nome, justamente estimado e considerado, é uma autoridade, ao mesmo tempo que sua obra é um protesto contra os epítetos com que a crítica gratifica geralmente os adeptos da idéia. Todos os espíritas apreciaram esse livro como o merece, e lhe compreenderam o alcance. É uma resposta peremptória a certos ataques; assim, pensamos que considerarão como um dever propagá-lo no interesse da Doutrina.

Tivesse o ano apenas esses resultados e já nos deveríamos felicitar; mas os produziu mais efetivos. É verdade que o número das sociedades ou grupos oficialmente conhecidos não

aumentou sensivelmente; chegou mesmo a diminuir, por força das intrigas, com cujo auxílio procuraram miná-los, neles introduzindo elementos de dissolução; mas, em contrapartida, o número de reuniões particulares, ou de família, cresceu em grande proporção.

Além disso, é evidente para todos e da própria confissão dos nossos adversários, que as idéias espíritas ganharam terreno consideravelmente, como o constata o autor da obra a que nos referimos adiante. Elas se infiltram por uma porção de brechas; tudo concorre para isto. As coisas que, à primeira vista, a elas pareciam mais estranhas, são meios com a ajuda dos quais essas idéias vêm à luz. É que o Espiritismo toca em tão grande número de questões, que é muito difícil abordar o que quer que seja sem ver aí surgir um pensamento espírita, de tal sorte que, mesmo nos meios refratários, essas idéias eclodem sob uma ou outra forma, como essas plantas multicores, que crescem por entre as pedras. E como nesses meios geralmente repelem o Espiritismo, por espírito de prevenção, sem saberem o que ele diz, não é surpreendente que, quando pensamentos espíritas aí aparecem, não os reconheçam; mas os aclamam, porque os acham bons, sem suspeitarem que é Espiritismo.

A literatura contemporânea, grande ou pequena, séria ou leviana, semeia essas idéias em profusão; é por elas embelezada e não lhe falta senão o nome. Se se reunissem todos os pensamentos que correm o mundo, constituir-se-ia o Espiritismo completo. Ora, aí está um fato considerável, um dos mais característicos do ano que acaba de findar. Isto prova que cada um tem em si alguns elementos no estado de intuição, e que entre os seus antagonistas e ele não há, na maioria das vezes, senão uma questão de palavra. Os que o repelem com perfeito conhecimento de causa são os que têm interesse em o combater.

Mas, então, que fazer para torná-lo conhecido, a fim de triunfar dessas prevenções? Isto é obra do tempo. É preciso que as

circunstâncias para aí levem naturalmente, e para isto pode-se contar com os Espíritos, que sabem fazê-las em tempo oportuno. Essas circunstâncias são particulares ou gerais; as primeiras agem sobre os indivíduos e as outras sobre as massas. As últimas, por sua repercussão, fazem o efeito das minas que, a cada explosão, arrancam alguns fragmentos de rocha.

Que cada espírita trabalhe de seu lado, sem se deixar desanimar com a pouca importância do resultado obtido individualmente, e pense que, graças ao acúmulo de grãos de areia, se forma uma montanha.

Entre os fatos materiais que assinalaram este ano, as curas do zuavo Jacob ocupam o primeiro lugar; tiveram uma repercussão que todos conhecem e, embora o Espiritismo aí só tenha figurado casualmente, a atenção geral não deixou de ser vivamente atraída para um fenômeno dos mais graves, e que a ele se liga de maneira direta. Esses fatos, produzindo-se em condições vulgares, sem aparato místico, não por um só indivíduo, mas por diversos, por isto mesmo perderam o caráter miraculoso, que até então lhes haviam atribuído. Como tantos outros, entraram no domínio dos fenômenos naturais. Entre os que os rejeitam como milagres, muitos se tornaram menos absolutos na negação do fato e admitiram a sua possibilidade como resultado de uma lei desconhecida da Natureza. Era o primeiro passo numa via fecunda em conseqüências, e mais de um céptico ficou abalado. Certamente nem todos ficaram convencidos, mas a coisa deu muito que falar, daí resultando, em grande número, profunda impressão, que fez refletir mais do que se pensa. São sementes que, se não dão uma colheita abundante, imediata, não estão perdidas para o futuro.

O Sr. Jacob mantém-se sempre afastado de maneira absoluta. Ignoramos os motivos de sua abstenção e se deve ou não retomar o curso de suas sessões. Se há intermitência em sua faculdade, como acontece muitas vezes em casos semelhantes, seria

uma prova de que ela não se deve exclusivamente à sua pessoa, e que fora do indivíduo existe alguma coisa, uma vontade independente.

Mas, dirão, por que esta suspensão, uma vez que a produção de tais fenômenos era vantajosa para a Doutrina? Tendo as coisas, até aqui, sido conduzidas com uma sabedoria que não é desmentida, é de supor que os que dirigem o movimento julgaram o efeito suficiente neste momento, e que seria útil interromper a efervescência. Mas a idéia foi lançada e se pode estar certo de que não ficará no estado de letra morta.

Em suma, como se vê, o ano foi bom para o Espiritismo; suas falanges recrutaram homens sérios, cuja opinião é tida por alguma coisa num certo mundo. Nossa correspondência nos assinala quase por toda parte um movimento geral de opinião por essas idéias e, coisa bizarra, neste século positivo, as que ganham mais terreno são as idéias filosóficas, muito mais que os fatos materiais de manifestação, que muitas pessoas ainda se obstinam em rejeitar. Assim, perante o maior número, o melhor meio de fazer proselitismo é começar pela filosofia, o que é compreensível. Sendo as idéias fundamentais latentes na maioria, basta despertá-las. Compreendem-nas porque possuem em si os seus germes, enquanto os fatos, para serem aceitos e compreendidos, demandam estudo e observações que muitos não querem se dar ao trabalho de fazer.

Depois o charlatanismo, que se apoderou dos fatos para os explorar em seu proveito, os desacreditou na opinião de certas pessoas, dando margem à crítica. Não se daria o mesmo com a filosofia, que não era tão fácil de contrafazer, e que, aliás, não se presta à exploração.

Por sua natureza, o charlatanismo é turbulento e intrigante, sem o que não seria charlatanismo. A crítica, que

geralmente pouco se preocupa em ir ao fundo do poço buscar a verdade, viu o charlatanismo alardear-se e se esforçou para o vincular à etiqueta do Espiritismo. Daí, contra esta palavra, uma prevenção que se apaga à medida que o verdadeiro Espiritismo é mais bem conhecido, porque ninguém que o tenha estudado seriamente o confundirá com o Espiritismo grotesco de fantasia, que a negligência ou a malevolência procuram substituir. É uma reação neste sentido que se manifestou nestes últimos tempos.

Os princípios que se acreditam com mais facilidade são os da *pluralidade dos mundos habitados* e o da *pluralidade das existências*, ou *reencarnação*. O primeiro pode ser considerado como admitido sem contestação pela Ciência e pelo assentimento unânime, mesmo no campo materialista; o segundo encontra-se no estado de intuição numa porção de indivíduos, nos quais é uma crença inata; encontra numerosas simpatias, como princípio racional de filosofia, mesmo fora do Espiritismo. É uma idéia que agrada a muitos incrédulos, porque aí acham *imediatamente* a solução das dificuldades que os haviam levado à dúvida; por isso essa crença tende cada vez mais a se vulgarizar. Mas, para quem quer que reflita, esses dois princípios têm conseqüências forçadas, que desembocam diretamente no Espiritismo. Pode-se, pois, encarar o progresso dessas idéias como o primeiro passo para a Doutrina, visto que dela são partes integrantes.

A imprensa que, mau grado seu, sofre a influência da difusão das idéias espíritas, porque estas penetram até no seu seio, em geral se abstém, quando não por simpatia, ao menos por prudência; quase que já não é de bom-tom falar dos Davenport. Dir-se-ia mesmo que ela finge evitar a questão do Espiritismo. Se, de vez em quando, ela atira algumas setas contra os seus aderentes, são como os últimos lampejos de um fogo de artifício. Mas não há mais esse fogo contínuo de invectivas que se ouvia ainda há dois anos. Embora ela tenha feito quase tanto ruído do Sr. Jacob, quanto dos Davenport, sua linguagem foi toda outra, e é de notar que, na

sua polêmica, o nome do Espiritismo só figurou de modo muito secundário.

No exame da situação, não se deve considerar apenas os grandes movimentos ostensivos, mas, sobretudo, levar em conta o estado íntimo da opinião e das causas que a podem influenciar. Assim, como dissemos alhures, se se observar atentamente o que se passa no mundo, reconhecer-se-á que uma porção de fatos, aparentemente estranhos ao Espiritismo, parecem vir de propósito para lhe abrir as vias. É no conjunto das circunstâncias que se devem procurar os verdadeiros sinais do progresso. Deste ponto de vista, então, a situação é tão satisfatória quanto se pode desejar. Daí se deve concluir que a oposição esteja desarmada, e que de agora em diante, as coisas vão marchar sem obstáculo? Guardemo-nos de o crer e de dormir numa enganadora segurança. O futuro do Espiritismo, sem contradita, está assegurado, e seria preciso ser cego para o duvidar; mas, os seus piores dias não passaram; ainda não recebeu o batismo que consagra todas as grandes idéias. Os Espíritos são unânimes em nos precaver contra uma luta inevitável, mas necessária, a fim de provar a sua invulnerabilidade e a sua força; dela o Espiritismo sairá maior e mais forte; somente então conquistará seu lugar no mundo, porque os que tiverem querido derrubá-lo terão preparado o seu triunfo. Que os espíritas sinceros e devotados se fortaleçam pela união e se confundam numa santa comunhão de pensamentos. Lembremo-nos da parábola das dez virgens e velemos para não sermos pegos de surpresa.

Aproveitamos esta circunstância para exprimir toda a nossa gratidão àqueles dos nossos irmãos espíritas que, como nos anos anteriores, por ocasião da renovação das assinaturas da *Revista*, nos dão novos testemunhos de sua afetuosa simpatia; somos felizes pelas garantias que nos dão de seu devotamento à causa sagrada que todos defendemos, e que é a da Humanidade e do progresso. Aos que nos dizem: coragem! diremos que jamais recuaremos diante de qualquer das necessidades de nossa posição,

por mais duras que sejam. Que contem conosco, como neles contamos encontrar, no dia da vitória, soldados da véspera, e não soldados do dia seguinte.

O Espiritismo Diante da História e da Igreja¹

SUA ORIGEM, SUA NATUREZA, SUA CERTEZA, SEUS PERIGOS

(Pelo abade Poussin, professor do Seminário de Nice)

Esta obra é uma refutação do Espiritismo do ponto de vista religioso. É, sem contradita, uma das mais completas e mais bem-feitas que conhecemos. É escrita com moderação e conveniência, e não se denigre pelos epítetos a que nos habituaram a maior parte das controvérsias do mesmo partido. Aí, nada de declarações furibundas, nada de personalismos ultrajantes; é o princípio mesmo que é discutido. Pode-se não estar de acordo com o autor, achar que as conclusões que ele tira de suas premissas são de uma lógica contestável; dizer que depois de haver demonstrado, por exemplo, com as peças na mão, que o Sol brilha ao meio-dia, erra ao concluir que deve ser noite, mas não se lhe reprochará a falta de urbanidade na forma.

A primeira parte da obra é consagrada à história do Espiritismo na antiguidade e na Idade Média. Esta parte é rica em documentos tirados dos autores sacros e profanos, que atestam laboriosas pesquisas e um estudo sério. É um trabalho que nos proporíamos fazer um dia, e felizes estamos por nos ter o Sr. abade Poussin poupado desse trabalho.

Na segunda parte, intitulada *Parte doutrinária*, o autor, discutindo os fatos que acaba de citar, inclusive os fatos atuais, conclui, segundo a infalibilidade da Igreja e seus próprios argumentos, que todos os fenômenos magnéticos e espíritas são

1 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

obra do demônio. É uma opinião como outra qualquer, e respeitável quando sincera. Ora, nós cremos na sinceridade das convicções do Sr. Poussin, embora não tenhamos a honra de o conhecer. O que se lhe pode censurar é não invocar em favor de sua tese senão a opinião dos adversários conhecidos do Espiritismo, assim como as doutrinas e alegações que desaprova. Em vão se buscaria nesse livro a menção das obras fundamentais, assim como nenhuma refutação direta das respostas que foram dadas às alegações contraditórias. Numa palavra, ele não discute a doutrina propriamente dita; não toma os seus argumentos corpo-a-corpo, para os esmagar sob o peso de uma lógica mais rigorosa.

Além disso, pode achar-se estranho que o Sr. abade Poussin se apóie, para combater o Espiritismo, na opinião de homens conhecidos por suas idéias materialistas, tais como os Srs. Littré e Figuiet; sobretudo deste último, que mais brilhou por suas contradições do que por sua lógica, ele toma várias expressões. Esses senhores, combatendo o princípio do Espiritismo, denegando a causa dos fenômenos psíquicos, por isto mesmo negam o princípio da espiritualidade; assim, minam a base da religião, pela qual não professam, como se sabe, grande simpatia. Invocando sua opinião, a escolha não é feliz; poder-se-ia mesmo dizer que é desastrada, pois é excitar os fiéis a ler escritos que não são nada ortodoxos. Vendo-o beber em tais fontes, poder-se-ia crer que não julgou as outras bastante preponderantes.

O abade Poussin não contesta nenhum dos fenômenos espíritas; virtualmente prova a sua existência pelos fatos autênticos que cita, e que colhe indiferentemente na história sagrada e na história pagã. Aproximando uns dos outros, não pode deixar de reconhecer a sua analogia. Ora, em boa lógica, da similitude dos efeitos deve-se concluir a similitude das causas. Entretanto, o Sr. Poussin conclui que os mesmos fatos são miraculosos, de fonte divina em certos casos, e diabólica, em outros.

Os homens que professam as mesmas crenças que o Sr. Figuiier também têm sobre esses mesmos fatos duas opiniões: negam-nos simplesmente e os atribuem à trapaça; quanto aos que são comprovados, esforçam-se por os ligar apenas às leis da matéria. Perguntai-lhes o que pensam dos milagres do Cristo: eles vos dirão que são fatos lendários, contos inventados para as necessidades da causa, ou produtos de imaginações superexcitadas e em delírio.

É verdade que o Espiritismo não reconhece nos fenômenos psíquicos um caráter sobrenatural; ele os explica pelas faculdades e pelos atributos da alma; e como a alma está na Natureza, os considera como efeitos naturais, que se produzem em virtude de leis especiais, até então desconhecidas, e que o Espiritismo dá a conhecer. Realizando-se esses fenômenos aos nossos olhos, em condições idênticas, acompanhados das mesmas circunstâncias e por intermédio de indivíduos que nada têm de excepcional, daí conclui pela possibilidade dos que se passaram em tempos mais recuados, e isto pela mesma causa natural.

O Espiritismo não se dirige às pessoas convictas da existência desses fenômenos, e que são perfeitamente livres para neles ver milagres, se tal é sua opinião, mas aos que os negam precisamente por causa do caráter miraculoso que lhes querem dar. Provando que esses fatos não têm de sobrenatural senão a aparência, ele os faz aceitar pelos mesmos que os repeliam. Os espíritas foram recrutados, em imensa maioria, entre os incrédulos e, contudo, hoje não há um só que negue os fatos realizados pelo Cristo. Ora, o que vale mais: crer na existência desses fatos, sem o sobrenatural, ou neles não crer absolutamente? Os que os admitem a um título qualquer não estão mais perto de vós do que os que os rejeitam completamente? Desde que o fato seja admitido, não resta senão provar a sua fonte miraculosa, o que deve ser mais fácil, se a fonte for real, do que quando o próprio fato é contestado.

Para combater o Espiritismo, apoiando-se o Sr. Poussin na autoridade dos que repelem até o princípio espiritual, não seria ele um dos que pretendem que a incredulidade absoluta é preferível à fé adquirida pelo Espiritismo?

Citamos integralmente o prefácio do livro do Sr. Poussin, que faremos seguir de algumas reflexões:

“O Espiritismo, é preciso bem reconhecê-lo, *envolve como numa imensa rede a sociedade inteira*, e por seus profetas, por seus oráculos, por seus livros e por seu jornalismo, esforça-se por minar secretamente a Igreja católica. *Se nos prestou o serviço de derrubar as teorias materialistas do século dezoito*, dá-nos em troca uma revelação nova, que solapa pela base todo o edifício da revelação cristã. E, contudo, por um fenômeno singular, ou melhor, por força da ignorância e da fascinação que excita a curiosidade, quantos católicos brincam diariamente com o Espiritismo, sem se preocuparem absolutamente com os seus perigos! É bem verdade que os espíritas ainda estão divididos quanto à essência e mesmo quanto à realidade do Espiritismo, e é provavelmente devido a essas incertezas que o maior número julga poder se formar a consciência e usar o Espiritismo como um curioso divertimento. Todavia, no fundo dessas almas timoratas e delicadas se manifesta uma grande ansiedade. Quantas vezes não temos ouvido estas questões incessantes: ‘Dizei-nos bem *a verdade*. O que é o Espiritismo? Qual a sua origem? Credes nessa genealogia que queria ligar os fenômenos do Espiritismo à magia antiga? Admitis os fatos estranhos do magnetismo e das mesas girantes? Acreditais na intervenção dos Espíritos e na evocação das almas? no papel dos anjos e dos demônios? É permitido interrogar as mesas girantes e consultar os espiritistas? Que pensam sobre todas essas questões os teólogos, os bispos?... A Igreja romana deu algumas decisões? etc., etc.’

“Estas perguntas, que ainda retinam aos nossos ouvidos, inspiraram o pensamento deste livro, que tem por objetivo

responder a todas, nos limites de nossas forças. Por isso, a fim de estar mais seguros e convictos, jamais afirmamos coisa alguma sem uma autoridade *grave*, e nada decidimos que os bispos e Roma não tenham decidido. – Entre os que estudaram especialmente estas matérias, uns rejeitam em massa todos os fatos *extraordinários* que o Espiritismo se atribui. Outros, concedendo larga parte às alucinações e ao charlatanismo, reconhecem que é impossível deixar de admitir certos fenômenos inexplicáveis e inexplicados, tão inconciliáveis com os ensinamentos gerais das ciências naturais, quanto desconcertantes para a razão humana; contudo, procuram interpretá-los, ou por certas leis misteriosas da fisiologia, ou pela intervenção da grande alma da natureza, da qual a nossa é simples emanção, etc. Vários escritores católicos, forçados a admitir os fatos, achando a solução natural por vezes impossível e a explicação panteísta absurda, não hesitam em reconhecer em certos fatos do Espiritismo a intervenção direta do demônio. Para estes, o Espiritismo não passa da continuação dessa magia pagã, que aparece em toda a História, desde os mágicos do faraó, à pitonisa de Endor, os oráculos de Delfos, às profecias das sibilas e dos adivinhos, até as possessões demoníacas do Evangelho e aos fenômenos extraordinários e constatados do magnetismo contemporâneo. A Igreja não se pronunciou sobre as discussões *especulativas*; abandona a questão histórica das origens do Espiritismo e a questão psicológica de seus agentes misteriosos à vã disputa dos homens. Teólogos sérios, bispos e doutores particulares têm sustentado estas últimas opiniões; *oficialmente*, Roma não os aprova nem os censura. Mas se a Igreja prudentemente guardou silêncio sobre as *teorias*, levantou a voz nas questões práticas, e em presença das incertezas da razão, assinala perigos para a consciência. Uma ciência curiosa e em si mesma inocente, pode, por causa dos abusos freqüentes, tornar-se uma fonte de perigos; por isso, Roma condenou como perigosos para os costumes, certas práticas e certos abusos do magnetismo, cujos graves inconvenientes os próprios espíritas não dissimulam. Ainda mais, bispos julgaram dever interditar aos seus diocesanos e em

qualquer hipótese, como *supersticiosos e perigosos para os costumes e para a fé*, não só os abusos do magnetismo, mas o *hábito de interrogar as mesas girantes*.

“Para nós, na questão *especulativa*, posta em presença dos que vêem o demônio em toda parte e dos que não o vêem em parte alguma, quisemos, mantendo-nos a distância dos dois escolhos, estudar as origens históricas do Espiritismo, examinar a certeza dos fatos e discutir imparcialmente os sistemas psicológicos e panteístas pelos quais tudo querem interpretar. Evidentemente, quando refutamos vários desses sistemas, não pretendemos impor a ninguém os nossos próprios pensamentos, embora as autoridades sobre as quais nos apoiamos nos pareçam da mais alta gravidade. Separando das opiniões livres tudo o que é de *fé*, como a existência dos anjos e dos demônios, as possessões e as obsessões demoníacas do Evangelho, a legitimidade e o poder dos exorcismos na Igreja, etc., deixamos a cada um o direito, não de negar o comércio voluntário dos homens com o demônio, o que, segundo o padre Perronne, seria temerário, e conduziria ao pirronismo histórico; mas reconhecemos a todo católico o direito de não ver no Espiritismo a intervenção do demônio, se os nossos argumentos parecerem mais especiosos que sólidos, e se a razão e o estudo mais atento dos fatos provarem o contrário.

“Quanto à questão *prática*, não nos reconhecemos o direito de absolver o que Roma condena; e se algumas almas ainda hesitassem, nós as remeteríamos simplesmente às decisões romanas, às interdições episcopais e mesmo às decisões teológicas, que reproduzimos integralmente.

“O plano deste livro é muito simples. A primeira parte, ou *parte histórica*, depois de ter dado o ensino das Santas Escrituras e a tradição de todos os povos sobre a existência e o papel dos Espíritos, nos inicia nos fatos mais salientes do Espiritismo ou da magia, desde a origem do mundo até os nossos dias.

“A segunda parte, ou *parte doutrinária*, expõe e discute os diversos sistemas imaginados para descobrir o agente verdadeiro do Espiritismo; depois de ter precisado o nosso melhor ensino da teologia católica sobre a intervenção geral dos Espíritos, e dado livre curso a opiniões livres sobre o agente misterioso da magia moderna, assinalamos aos fiéis os perigos do Espiritismo para a *fé*, para os *costumes* e mesmo para a *saúde* ou para a vida.

“Possam estas páginas, mostrando o perigo, concluir o bem que outros começaram!... Inútil acrescentar que, filhos dóceis da Igreja, condenamos por antecipação tudo quanto Roma pudesse desaprovar.”

O Sr. abade Poussin reconhece duas coisas: 1^o – que o Espiritismo envolve, como numa imensa rede, a sociedade inteira; 2^o – que prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas do século dezoito. Vejamos que conseqüências decorrem desses dois fatos.

Como dissemos, o Espiritismo é recrutado, em grande maioria, entre os incrédulos. Com efeito, perguntai aos nove décimos dos adeptos, em que acreditavam antes de ser espíritas; eles responderão que não acreditavam em nada ou, pelo menos, que duvidam de tudo; para eles a existência da alma era uma hipótese, sem dúvida desejável, mas incerta; a vida futura uma quimera; Cristo era um mito ou, no máximo, um filósofo; Deus, se existisse, devia ser injusto, cruel e parcial, daí por que tanto gostavam de crer que ele não existia.

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão; o futuro não é mais uma esperança, mas uma certeza, porque vêem a vida espiritual manifestar-se aos seus olhos; dela não duvidam mais do que duvidam do nascer do Sol. É verdade que não crêem nos demônios e nem nas chamas eternas do inferno, mas, em compensação, acreditam firmemente num Deus soberanamente

justo, bom e misericordioso; não crêem que o mal venha dele, que é a fonte de todo bem, nem dos demônios, mas das próprias imperfeições do homem; que o homem se reforma e o mal não existirá mais; vencer-se a si mesmo é vencer o demônio. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdendo aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.

Sobre quem o Espiritismo devia ter mais fácil acesso? Não é sobre os que tinham fé e a quem esta bastava, que nada pediam e de nada precisavam; mas sobre aqueles a quem faltava a fé. Como o Cristo, foi aos doentes, e não aos que gozam de saúde; aos que têm fome, e não aos que estão saciados. Ora, os doentes são os que se acham torturados pelas angústias da dúvida e da incredulidade.

E que fez para os trazer a si? Uma maciça propaganda? Indo pregar a doutrina nas praças públicas? *Violentando* consciências? Absolutamente, porque estes são os meios da fraqueza; e se os tivesse usado, teria mostrado que duvidava de sua força moral. Ele tem como regra invariável, conforme a lei de caridade, ensinada pelo Cristo, não constranger ninguém, respeitar todas as convicções; contentou-se em enunciar os seus princípios, desenvolver em seus escritos as bases sobre as quais estão assentadas as suas crenças, e deixou vir a ele os que quisessem. Se vieram muitos, é que a muitos conveio e muitos nele acharam o que não haviam encontrado alhures. Se recrutou principalmente entre os incrédulos, e se em alguns anos enlaçou o mundo, é porque os incrédulos e os que não estão satisfeitos com o que lhes dão são numerosos, desde que não se é atraído senão para onde se encontra algo melhor do que o que se tem. Dissemos centenas de vezes: Querem combater o Espiritismo? Que dêem melhor que ele.

Reconheceis, senhor abade, que o Espiritismo prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas; sem dúvida é um grande resultado, do qual ele se glorifica. Mas, como o conseguiu? precisamente com o auxílio desses meios que chamais diabólicos, com as provas materiais que ele dá, da alma e da vida futura; foi com a manifestação dos Espíritos que ele confundiu a incredulidade e que triunfará definitivamente. E dizeis que tal serviço é obra de Satã? Mas, então, não deveríeis lhe querer tanto, já que ele próprio destrói a barreira que retinha os que ele prendera indevidamente? Lembrai-vos da resposta do Cristo aos fariseus, que lhe falavam exatamente a mesma linguagem, acusando-o de curar os doentes e de expulsar os demônios pelos demônios. Lembrai-vos, também, a respeito, das palavras de Monsenhor Frayssinous, bispo de Hermópolis, em suas conferências sobre religião: “Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um demônio singular, porque se destruiria a si mesmo.”

Se esse resultado obtido pelo Espiritismo é obra de Satã, como é que a Igreja lhe deixou o mérito e não o obteve ela própria? Como é que deixou a incredulidade invadir a sociedade? Contudo, não lhe faltaram meios de ação. Não tem pessoal e recursos materiais imensos? as pregações desde as capitais até as menores aldeias? a pressão que exerce sobre as consciências pela confissão? o terror das penas eternas? a instrução religiosa que acompanha a criança durante todo o curso de sua educação? o prestígio das cerimônias do culto e de sua ancianidade? Como é que uma doutrina, *apenas desabrochada*, que não tem sacerdotes, nem templos, nem culto, nem pregações; que é combatida com rigor pela Igreja, caluniada, perseguida como o foram os primeiros cristãos, em tão pouco tempo reconduziu à fé e à crença na imortalidade um tão grande número de incrédulos? Entretanto, a coisa não é muito difícil, pois basta à maioria ler alguns livros para se dissiparem todas as dúvidas.

Tirai daí as conclusões que quiserdes; mas confessai que, se isto é obra do diabo, ele fez o que vós mesmos não pudestes fazer, e que ele se desobrigou da vossa tarefa.

Por certo direis que o que depõe contra o Espiritismo é que ele não emprega, para convencer, os mesmos argumentos que vós, e que, se triunfa da incredulidade, não conduz completamente a vós.

Mas o Espiritismo não tem a pretensão de marchar convosco, nem com ninguém; ele mesmo faz os seus trabalhos, e como entende. A incredulidade foi refratária aos vossos argumentos; de boa-fé acreditaríeis que o Espiritismo teria triunfado servindo-se dos mesmos? Se um médico não cura um doente com um remédio, outro médico o curará empregando o mesmo remédio?

O Espiritismo não procura reconduzir os incrédulos ao seio absoluto do catolicismo, nem ao de qualquer outro culto. Em lhes fazendo aceitar as bases comuns a todas as religiões, ele destrói o principal obstáculo e os leva a fazer a metade do caminho; cabe a cada um fazer o resto, no que lhe concerne; as que fracassam dão uma prova manifesta de incapacidade.

Desde o instante que a Igreja reconhece a existência de todos os fatos de manifestações sobre os quais se apóia o Espiritismo; que ela os reivindica para si mesma, a título de milagres divinos; que, entre os fatos que se passam nos dois campos, há uma analogia completa, quanto aos efeitos, analogia que o Sr. abade Poussin demonstra com a última evidência e peças de apoio, pondo-as à vista, toda a questão se reduz, então, em saber se é Deus que age de um lado e o diabo do outro. É uma questão pessoal. Ora, quando duas pessoas fazem exatamente a mesma coisa, conclui-se que uma é tão poderosa quanto a outra. Toda a argumentação do Sr. Poussin termina, assim, por demonstrar que o diabo é tão poderoso quanto Deus.

De duas coisas, uma: ou os efeitos são idênticos, ou não o são; se são idênticos, é que provêm de uma mesma causa, ou de duas causas equivalentes; se não o são, mostrai em que diferem. Nos resultados? Mas, então, a comparação seria em favor do Espiritismo, porque ele reconduz a Deus os que nele não acreditavam.

Está, pois, bem entendido, por decisão formal das autoridades competentes, que os Espíritos que se manifestam não são, nem podem ser, senão demônios. Convenhamos, entretanto, senhor abade, que se esses mesmos Espíritos, em vez de contradizerem a Igreja sobre alguns pontos, tivessem sido em tudo de sua opinião, se tivessem vindo apoiar todas as suas pretensões temporais e espirituais, aprovar sem restrição tudo quanto ela diz e faz, ela não os chamaria de demônios, mas antes de Espíritos angélicos.

O abade Poussin escreveu o seu livro, diz ele, tendo em vista premunir os fiéis contra os perigos que pode correr sua fé, pelo estudo do Espiritismo. É testemunhar pouca confiança na solidez das bases sobre as quais está assentada esta fé, já que pode ser abalada tão facilmente. O Espiritismo não tem o mesmo receio. Tudo quanto puderam dizer e fazer contra ele não lhe fez perder uma polegada de terreno, pois que o ganha todos os dias; entretanto, não faltou talento a mais de um de seus adversários. As lutas empenhadas contra ele, longe de o enfraquecer, o fortaleceram; elas contribuíram poderosamente para o espalhar mais rapidamente do que o teria feito sem isto, de tal sorte que esta rede que, em alguns anos envolveu a sociedade inteira, é, em grande parte, obra de seus antagonistas. Sem nenhum dos meios materiais de ação, que fazem os sucessos neste mundo, ele não se propagou senão pelo poder da idéia. Desde que os argumentos, com o auxílio dos quais o combateram, não o derrubaram, é que, aparentemente, os julgaram menos convincentes que os seus. Quereis ter o segredo de sua fé? ei-lo: é que antes de crer, compreendem.

O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente e pela razão. Longe de temer para a fé dos espíritas a leitura das obras que o combatem, ele lhes diz: Lede tudo; os prós e os contras, e escolhei com conhecimento de causa. É por isto que assinalamos à sua atenção a obra do abade Poussin.²

Damos a seguir, sem comentários, alguns fragmentos tirados da primeira parte:

1. – Certos católicos, mesmo piedosos, em matéria de fé têm singulares idéias, resultado inevitável do cepticismo ambiente que, mau grado seu, os domina e dos quais sofrem a influência deletéria. *Falai de Deus, de Jesus-Cristo, eles aceitam tudo imediatamente; mas se tentardes falar do demônio, e sobretudo da intervenção diabólica na vida humana, não mais vos escutam.* Como os nossos racionalistas contemporâneos, de boa vontade tomariam o demônio como um mito ou uma personificação fantástica do gênio do mal, os êxtases dos santos por fenômenos de catalepsia e as possessões diabólicas, mesmo as do Evangelho, se não como epilepsia, ao menos como parábolas. São Tomás³, em sua linguagem precisa, responde em duas palavras a esse perigoso cepticismo: “Se a facilidade de ver falar o demônio, diz ele, procede da ignorância das leis da Natureza e da credulidade, a tendência geral a não ver a sua ação em parte alguma procede da irreligião e da incredulidade.” Negar o demônio é negar o Cristianismo e negar Deus.

2. – A crença na existência dos Espíritos e sua intervenção no domínio de nossa vida, mais ainda, o próprio Espiritismo ou a prática da evocação dos Espíritos, almas, anjos ou demônios, remontam à mais alta antiguidade, e são tão antigas

2 Um vol. in-12; preço: 3 fr. Sarlit, livreiro, 25, rue Saint-Sulpice, Paris.

3 **N. do T.:** O abade não se está referindo a Tomé, apóstolo de Jesus, mas ao teólogo Tomás de Aquino.

quanto o mundo. – Sobre a existência e o papel dos Espíritos, interroguemos, primeiramente, nossos livros santos, os mais antigos e os mais incontestados livros de História e, ao mesmo tempo, o código divino de nossa fé. O demônio seduzindo sob uma forma sensível Adão e Eva no Paraíso; os querubins que guardavam a sua entrada; os anjos que visitam Abraão e discutem com ele a questão da salvação de Sodoma; os anjos insultados na cidade imunda, arrancando Loth ao incêndio; o anjo de Isaque, de Jacó, de Moisés e de Tobias; o demônio que mata os sete maridos de Sara; o que tortura a alma e o corpo de Job; o anjo exterminador dos egípcios sob Moisés, e dos israelitas sob Davi; a mão invisível que escreve a sentença de Baltazar; o anjo que fere Heliodoro; o anjo da Encarnação, Gabriel, que anuncia São João e Jesus-Cristo: Que mais é preciso para mostrar a existência dos Espíritos, bons ou maus, nos atos da vida humana? Deus fez dos Espíritos seus embaixadores, diz o salmista; são os ministros de Deus, diz São Paulo; São Pedro nos ensina que os demônios rondam sem cessar em torno de nós, como leões rugidores; São Paulo, tentado por eles, nos declara que o ar está repleto deles.

3. – Notemos aqui que as tradições pagãs estão em perfeita harmonia com as tradições judaicas e cristãs. O mundo, segundo Tales e Pitágoras, está cheio de *substâncias espirituais*. Todos esses autores os dividem em Espíritos bons e maus; Empédocles diz que os demônios são punidos pelas faltas que cometeram; Platão fala de um príncipe, de natureza malfazeja, preposto desses Espíritos expulsos pelos deuses e caídos do céu, diz Plutarco. Todas as almas, acrescenta Porfírio, que têm por princípio a alma do universo, governam os grandes países situados sob a Lua: são os bons *demônios* (Espíritos); e, fiquemos bem convencidos, eles só agem no interesse de seus administrados, quer com o cuidado que tomam dos animais, quer velem pelos frutos da terra, quer presidam às chuvas, aos ventos moderados, ao bom tempo. Deve-se ainda colocar na categoria dos *bons demônios* os que, segundo Platão, estão encarregados de levar aos deuses as

preces dos homens, e que trazem aos homens as advertências, as exortações, os oráculos dos deuses.

4. – Os árabes chamam de *Iba* o chefe dos demônios; os caldeus com eles enchiam o ar; enfim, Confúcio ensina absolutamente a mesma doutrina: “Como são sublimes as virtudes dos Espíritos! dizia ele; olha-se-os e não se os vê; escuta-se-os e não se os entende; unidos à substância das coisas, delas eles não podem separar-se; são a causa de que todos os homens em todo o Universo se purifiquem e se revistam de roupas de gala para oferecer sacrifícios; estão espalhados como as ondas do oceano acima de nós, à nossa esquerda e à nossa direita.”

O culto dos Manitós, espalhado entre os selvagens da América, não é senão o culto dos Espíritos.

5. – Por seu lado, os Pais da Igreja interpretaram admiravelmente a doutrina das Escrituras sobre a existência e a intervenção dos Espíritos: Nada há no mundo visível que não seja regido e disposto pela criatura invisível, diz São Gregório. Neste mundo cada ser vivo tem um anjo que o dirige, acrescenta Santo Agostinho. Os anjos, diz São Gregório de Nazianza, são os ministros da vontade de Deus; eles têm, naturalmente e por comunicação, uma força extraordinária; percorrem todos os lugares e se acham em toda parte, tanto pela prontidão com que exercem seu ministério, quanto pela leveza de sua natureza. Uns são encarregados de velar sobre alguma parte do Universo, que lhes é marcada por Deus, de quem dependem em todas as coisas; outros estão na guarda das cidades e das igrejas; ajudam-nos em tudo quanto fazemos de bom.

6. – Em relação à razão fundamental, Deus governa imediatamente o Universo; mas relativamente à execução, há coisas que ele governa por outros intermediários.

7. – Quanto à própria *evocação* dos Espíritos, almas, anjos ou demônios, e a todas as práticas da magia, de que o Espiritismo não passa de uma forma, mais ou menos disfarçada de charlatanismo, é uma prática tão antiga quanto a crença nos próprios Espíritos.

8. – São Cipriano assim explica os mistérios do Espiritismo pagão:

“Os demônios, diz ele, introduzem-se nas estátuas e nos simulacros que o homem adora; são eles que animam as fibras das vítimas, que inspiram com seu sopro o coração dos adivinhos e dão uma voz aos oráculos. Mas como podem curar? *Laedunt primo*, diz Tertuliano, *postque laedere desinunt, et curasse creduntur*. Primeiro ferem e, cessando de ferir, passam por curar.”

Na Índia são os *Lamas* e os bramanitas que, desde a mais alta antiguidade, têm o monopólio dessas mesmas evocações, que ainda continuam. “Faziam comunicar-se o Céu com a Terra, o homem com a Divindade, absolutamente como nossos *médiuns* atuais. A origem desse privilégio parece remontar à gênese mesma dos hindus e pertencer à casta sacerdotal desses povos. Saída do cérebro de Brama, a casta sacerdotal deve ficar mais perto da natureza desse Deus criador e entrar mais facilmente em comunicação com ele do que a casta guerreira, nascida de seus braços e, com mais forte razão, que a casta dos Párias, formada da poeira de seus pés.”

9. – Mas o fato mais interessante e mais autêntico da História é, sem contradita, a evocação de Samuel⁴ pelo *médium* da pitonisa de Endor, que interroga Saul: “Samuel tinha morrido, diz a Escritura; toda Israel o tinha chorado, e ele fora enterrado na cidade de Ramatá, lugar de seu nascimento. E Saul havia expulsado os magos e os adivinhos de seu reino. Estando então reunidos, os

4 N. do T.: I Samuel, 28: 1 a 25.

filisteus vieram acampar em Sunam; por seu lado, Saul reuniu todas as tropas de Israel e veio para Gilboé. Tendo visto o exército dos filisteus, foi tomado de espanto e de temor até o fundo do coração. Consultou o Senhor; mas o Senhor não lhe respondeu, nem em sonhos, nem pelos sacerdotes, nem pelos profetas. Então disse aos seus oficiais: “Procurai-me *uma mulher que tenha o Espírito de Píton*, para que me encontre com ela e a consulte.” Seus servidores lhe disseram: “Há uma mulher em Endor que tem um Espírito de Píton.” Saul disfarçou-se, vestiu outras roupas e se foi, acompanhado apenas por dois homens. Veio a noite, chegaram à casa dessa mulher e lhe disse: “Consultai para mim o Espírito de Píton e evocai-me aquele que eu vos disser.” A mulher lhe respondeu: “Bem sabeis o que fez Saul e de que maneira exterminou os mágicos e os adivinhos de todas as suas terras. Por que, então, armais uma cilada para me perder?” Então Saul lhe jurou pelo Senhor, dizendo: “Viva o Senhor! Nenhum mal vos sobrevirá por isso.” A mulher lhe disse: “Quem quereis ver?” Ele lhe respondeu: “Fazei-me vir Samuel.” A mulher, tendo visto Samuel, soltou um grande grito, e disse a Saul: “Por que me enganastes? porque sois Saul.” O rei lhe disse: “Não temais. Que vistes? – *Vi*, disse ela, *um deus que saía da terra*. Saul lhe disse: “Como é a sua figura?” – “É, disse ela, um velho envolto num manto.” Então Saul reconheceu que era Samuel; e lhe fez uma profunda reverência, curvando-se até o chão. Samuel disse a Saul: “Por que perturbastes meu repouso, fazendo-me evocar?” Saul lhe respondeu: “Estou em grande dificuldade. Os filisteus me fazem guerra e *Deus se retirou de mim*; não me quis responder nem pelos profetas, nem em sonhos. Eis por que vos fiz evocar, a fim de que ensineis o que devo fazer.” Samuel lhe disse; “Por que vos dirigis a mim, já que o Senhor vos abandonou e passou ao vosso rival? Porque o Senhor vos tratará como eu disse de sua parte. Ele destroçará o vosso reino por vossas mãos para o dar a Davi, vosso genro, porque não obedecestes à voz do Senhor, nem executastes a sentença de sua cólera contra os amalequitas. É por isso que o Senhor vos envia hoje aquilo que sofreis. Ele entregará mesmo

Israel convosco nas mãos dos filisteus. *Amanhã estareis comigo, vós e o vosso filho*; e o Senhor abandonará aos filisteus o próprio campo de Israel.” De súbito, caiu Saul estendido por terra e foi tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel; e faltavam-lhe as forças, porque não comera pão todo aquele dia e toda aquela noite. A maga veio a ele na perturbação em que estava e lhe disse: “Vedes que vossa serva vos obedeceu, *que expus minha vida por vós* e que atendi ao que desejáveis de mim.”

“Eis que há *quarenta anos faço profissão de evocar os mortos* ao serviço de estranhos, diz Philon após esse relato; mas jamais vi semelhante aparição. O Eclesiástico encarregou-se de nos provar que se trata de uma verdadeira aparição, e não de uma alucinação de Saul. Samuel, diz o Espírito-Santo, *depois de sua morte falou ao rei*, predisse o fim de sua vida e, *saindo da terra*, ergueu sua voz para profetizar a ruína de sua nação, por causa de sua impiedade.”

Os Aïssaouas

OU OS CONVULSIONÁRIOS DA RUA LE PELETIER

No número das curiosidades atraídas a Paris pela Exposição, uma das mais estranhas é seguramente a dos exercícios executados pelos árabes da tribo dos Aïssaouas. O *Monde illustré*, de 19 de outubro de 1867, dá uma relação, acompanhada de vários desenhos das diversas cenas que o autor do artigo testemunhou na Argélia. Começa assim o seu relato:

“Os Aïssaouas formam uma seita religiosa muito espalhada na África e, sobretudo, na Argélia. Não conhecemos o seu objetivo; dizem que sua fundação remonta a Aïssa, o escravo favorito do Profeta; pretendem outros que sua confraria foi fundada por Aïssa, piedoso e sábio marabu do século dezesseis. Seja como for, os Aïssaouas sustentam que o seu piedoso fundador lhes dá o privilégio de serem insensíveis ao sofrimento.”

Tiramos do *Petit Journal*, de 30 de setembro de 1867, o relato de uma das sessões que uma companhia de Aïssoua deu em Paris, durante a Exposição, primeiro no teatro do Campo de Marte, depois na sala da arena atlética da rua Le Peletier. Sem dúvida a cena não tem o caráter imponente e terrível das que se realizam nas mesquitas, cercadas pelo prestígio das cerimônias religiosas; mas, à parte algumas nuances de detalhes, os fatos são os mesmos e os resultados idênticos, e isto é que é essencial. Aliás, tendo-se as coisas passado em plena Paris, aos olhos de numeroso público, o relato não pode ser suspeito de exagero. É o Sr. Timothée Trimm quem fala:

“Confesso mesmo que, ontem à noite, vi coisas que deixam muito para trás os irmãos Davenport e os pretensos milagres do magnetismo. Os prodígios se dão numa pequena sala, ainda não classificada na hierarquia dos espetáculos. Isto se passa na arena atlética da rua Le Peletier. Sem dúvida, eis porque se trata tão pouco dos feiticeiros, dos quais falo hoje.

“É evidente que tratamos com iluminados, porque eis vinte e seis árabes que se agacham, servindo-se de castanholas de ferro para acompanhar seus cantos.

“Do corpo de balé muçulmano saiu, em primeiro lugar, um jovem árabe que tomou um carvão aceso. Não suspeitei que pudesse ser um carvão de calor fictício, preparado de propósito, porque senti o seu ardor quando ele passou em minha frente, e queimou o soalho, quando escapou das mãos que o seguravam. O homem tomou esse carvão ardente; colocou-o na sua boca com gritos horríveis e ali o conservou.

“Para mim é evidente que esses selvagens Aïssaouas são verdadeiros convulsionários maometanos. No século passado houve os convulsionários de Paris. Os Aïssaouas da rua Le Peletier certamente acharam essa curiosa descoberta do prazer, da volúpia e do êxtase na mortificação corporal.

“Théophile Gautier, com seu estilo inimitável, descreveu as danças desses convulsionários árabes. Eis o que dizia no *Moniteur* de 29 de julho último:

“O primeiro interlúdio de dança era acompanhado por três grandes caixas e três oboés, tocando em modo menor uma cantilena de uma melancolia nostálgica, sustentada por esses ritmos implacáveis, que acabam se apoderando de nós e dão vertigem. Dir-se-ia uma alma lamentosa, que a fatalidade forçasse a marchar com um passo sempre igual para um fim desconhecido, mas que se presente doloroso.

“Logo se levantou uma dançarina, com esse ar oprimido que têm as dançarinas orientais, como uma morta que despertasse de um encantamento mágico e, por imperceptíveis deslocamentos dos pés aproximou-se do proscênio; uma de suas companheiras juntou-se a ela e começaram, animando-se pouco a pouco, sob a pressão da medida, essas torções de ancas, essas ondulações do torso, esses balanços de braços agitando lenços de seda raiados de ouro e essa pantomima languidamente voluptuosa, que forma o fundo da dança das bailarinas orientais. Levantar a perna para uma pirueta ou um passo de dança seria, aos olhos dessas dançarinas, o cúmulo da indecência.

“No fim, todo o elenco tomou parte, e notamos, entre outras, uma dançarina de uma beleza selvagem e bárbara, vestida de *haïks* brancos e penteada com uma espécie de *chachia* de cordões dobrados. Suas sobranceiras negras unidas com *surmeb* à raiz do nariz, sua boca vermelha como um pimentão, em meio à face pálida, davam-lhe uma fisionomia ao mesmo tempo terrível e encantadora; mas a atração principal da noite era a sessão dos Aïssaouas, ou discípulos de Aïssa, a quem o mestre legou o singular privilégio de devorar impunemente tudo o que lhes apresentam.”

“Aqui, para dar a compreender a excentricidade dos nossos convulsionários argelinos, prefiro minha prosa simples e sem arte à fraseologia elegante e sábia do mestre. Eis, então o que vi:

“Chega um árabe; dão-lhe um pedaço de vidro para comer! Ele o toma, põe na boca e o engole inteiro!... Por alguns minutos ouvem-se os seus dentes triturando o vidro. Aparece sangue na superfície dos lábios trêmulos... Engole o pedaço de vidro moído, dançando e se ajoelhando ao som dos tantãs de praxe.

“A este sucede um árabe que traz na mão galhos de figueira da Barbária, o cacto de longos espinhos. Cada aspereza da folhagem é como uma ponta acerada. O árabe come essa folhagem picante, como comeríamos uma salada de alface ou de chicória.

“Quando a folhagem mortal de cacto foi ingerida, veio um árabe que dançava com uma lança na mão. Apoiou a lança no olho direito, dizendo versículos sagrados, que bem deveriam compreender os nossos oculistas... e o olho direito saiu completamente da órbita!... Todos os assistentes soltaram um grito de terror!

“Então veio um homem que se deixou amarrar ao corpo por uma corda... vinte homens puxam; ele luta, sente a corda entrar nas carnes; ri e canta durante essa agonia.

“Eis um outro energúmeno diante do qual trazem um sabre turco. Passei os dedos em sua lâmina fina e cortante como a de uma navalha. O homem desata o cinto, mostra seu ventre nu e se deita sobre a lâmina; empurram-na, mas o sabre respeita sua epiderme; o árabe venceu o aço.

“Passo em silêncio os Aïssaouas que comem fogo, colocando os pés descalços sobre um braseiro ardente. Fui ver o braseiro nos bastidores e atesto que é ardente e composto de lenha

inflamada. Também examinei a boca dos chamados comedores de fogo. Os dentes estão queimados, as gengivas calcinadas, a abóbada palatina parece ter-se endurecido. Mas é mesmo fogo, todos esses tições que engolem, com contorções de danados, procurando aclimatar-se no inferno..., que passa por um país quente.

“O que mais me impressionou nessa estranha exibição dos convulsionários da rua Le Peletier foi o comedor de serpentes. Imaginai um homem que abre um cesto. Dez serpentes de cabeça ameaçadora saem sibilando. O árabe apalpa as serpentes, provoca-as e faz que se enrolem ao redor de seu tronco nu. Depois escolhe a maior e mais vivaz e com os dentes morde e lhe arranca a cauda. Então o réptil se retorce nas angústias da dor. Ela apresenta a cabeça irritada ao árabe, que põe a língua à altura do dardo; de repente, com uma dentada, arranca a cabeça da serpente e a come. Ouve-se o crepitar do corpo do réptil nos dentes do selvagem, que mostra através dos lábios ensangüentados o monstro decapitado.

“E, durante esse tempo, a música melancólica dos tantãs continua seu ritmo sagrado. E o devorador de serpentes vai cair, perdido e atordoado, aos pés dos cantores místicos. Até a semana passada tinham feito este exercício com serpentes da Argélia, que se poderiam ter civilizado a caminho mas as serpentes argelinas se acabam, como todas as coisas. Ontem era a estréia das cobras de Fontainebleau; e o argelino parecia cheio de desconfiança em relação aos nossos répteis nacionais.

“Vá lá quanto ao fogo devorado, suportado ao excesso... na planta dos pés e na palma das mãos... mas o triturador de vidro e o comedor de cobras!... são fenômenos inexplicáveis.

“Nós os tínhamos visto outrora num aduar, nas cercanias de Blidah, diz o Sr. Théophile Gautier, e esse sabá noturno nos deixou lembranças ainda arrepiantes. Os Aïssaouas, depois de excitados pela música, pelo vapor dos perfumes e esse balanço de fera que agita como uma juba sua imensa cabeleira,

morderam folhas de cacto, mastigaram carvões ardentes, lamberam pás rubras, engoliram vidro moído, que se ouvia crepitar em seus maxilares, atravessaram a língua e as bochechas com agulhas para lardear, fizeram saltar os olhos fora das órbitas e andaram sobre o fio de uma iatagã de aço de Damasco; um deles, cingido num nó corrediço por sete ou oito homens, parecia cortado em dois, o que não os impediu, acabados os exercícios, de nos vir saudar em nosso camarote à maneira oriental e receber o seu *bacchich*.

“Das horríveis torturas a que acabam de se submeter, não restava qualquer marca. Que alguém mais sábio nos explique o prodígio, já que de nossa parte o renunciemos.”

“Sou da opinião de meu ilustre colega e venerado superior na grande arte de escrever, tão difícil quanto a de engolir répteis. Não procuro explicar estas maravilhas; mas era meu dever de cronista não as deixar passar em silêncio.”

Nós mesmos assistimos a uma sessão dos Aïssaouas e podemos dizer que este relato nada tem de exagerado. Vimos tudo o que aí está relatado e ainda mais: um homem atravessar a bochecha e o pescoço com um espeto cortante em forma de lardeadeira. Tendo tocado o instrumento e examinado a coisa bem de perto, convencemo-nos de que não havia nenhum subterfúgio, e que o ferro realmente atravessava as carnes. Mas, coisa bizarra, o sangue não corria e a ferida cicatrizava-se quase instantaneamente. Vimos um outro manter na boca carvões de pedra em brasa, grandes como ovos, cuja combustão ativava pelo sopro, passeando ao redor da sala e lançando chispas. Era fogo tão real que vários espectadores com ele acenderam seus charutos.

Aqui não se trata, pois, de golpes de mágica, de simulacros, nem de malabarismos, mas de fatos positivos; de um fenômeno fisiológico que confunde as mais vulgares noções da Ciência. Entretanto, por mais estranho que seja, não pode ter senão uma causa natural. O que é mais estranho ainda é que a Ciência

parece não lhe haver prestado a menor atenção. Como é que sábios, que passam a vida procurando as leis da vitalidade, ficam indiferentes à vista de semelhantes fatos e não buscam suas causas? Julgam-se dispensados de qualquer explicação, dizendo que “são meros convulsionários, como os havia no século passado.” Seja, estamos de acordo. Mas, então, explicai o que se passava com os convulsionários. Já que os mesmos fenômenos se produzem hoje, aos nossos olhos, diante do público, que qualquer um pode ver e tocar, então não era uma comédia. Esses pobres convulsionários, dos quais tanto zombaram, não eram, então, prestidigitadores e charlatães, como o pretenderam? Os mesmos efeitos, repetindo-se à vontade, por infieis, em nome de Alá e de Maomé, não são, pois, milagres, como outros pensaram? Dirão que são *iluminados*; seja, ainda; mas, então, seria preciso explicar o que é ser iluminado. É preciso que a iluminação não seja uma qualidade tão ilusória quanto supõem, desde que seria capaz de produzir efeitos materiais tão singulares; em todo o caso, seria uma razão a mais para o estudar com cuidado. Uma vez que esses efeitos não são milagres, nem jogos de mágica, deve-se concluir que são efeitos naturais, cuja causa é desconhecida, mas que sem dúvida pode ser encontrada. Quem sabe se o Espiritismo, que já nos deu a chave de tantas coisas incompreendidas, não nos dará ainda esta? É o que examinaremos num próximo artigo.

Manifestação Antes da Morte

A carta seguinte nos foi dirigida de Marenes, em janeiro último:

Senhor Allan Kardec,

Creio que teria faltado ao meu dever se, no começo deste ano, não tivesse vindo agradecer-vos a boa lembrança que houvestes por bem conservar de mim, dirigindo a Deus novas

preces pelo meu restabelecimento. Sim, senhor, elas me foram salutares e nelas bem reconheço a vossa boa influência, bem como a dos Espíritos bons que vos cercam; porque, desde 14 de maio, eu era obrigada a guardar o leito de vez em quando, em consequência de febres malignas que me tinham posto num estado muito triste. Há um mês estou melhor; agradeço-vos mil vezes, rogando-vos agradecer, em meu nome, a todos os nossos irmãos da Sociedade de Paris, que quiseram unir as suas preces às vossas.

Como sabeis, muitas vezes tive manifestações. Mas uma das mais extraordinárias é a do fato que vou relatar.

No mês de maio último, meu pai veio a Marenes passar alguns dias conosco. Mal chegou, caiu doente e morreu ao cabo de oito dias. Sua morte me causou uma dor tanto mais viva, quanto dela eu tinha sido avisada seis meses antes, mas não havia dado crédito. Eis o fato:

No mês de dezembro precedente, sabendo que ele devia vir, tinha mobiliado um quartinho para ele, e meu desejo era que ninguém ali dormisse antes dele. Desde que manifestei tal pensamento, tive a intuição de que quem se deitasse naquela cama lá morreria, e esta idéia, que me perseguia incessantemente, apertava-me o coração a ponto de não ousar mais ir àquele quarto. Contudo, na esperança de me desembaraçar dela, fui orar junto ao leito. Julguei ali ver um corpo amortalhado; para me assegurar, levantei o cobertor e nada vi. Então me disse que esses pressentimentos não passavam de ilusões ou de resultados de obsessões. No mesmo instante ouvi suspiros como de uma pessoa que acaba, depois senti minha mão direita apertada fortemente por uma mão quente e úmida. Saí do quarto e ali não mais ousei entrar só. Durante seis meses fui atormentada por esse triste aviso e ninguém lá dormiu antes da chegada de meu pai. Foi lá que ele morreu. Seus últimos suspiros foram os mesmos que eu tinha ouvido e, antes de morrer, sem que lhe pedisse, ele me tomou a

mão direita e a apertou da mesma maneira que eu tinha sentido seis meses antes; a sua tinha o suor tépido que eu havia igualmente notado. Não posso, pois, duvidar que tenha sido um aviso que foi dado.

Tive muitas outras provas da intervenção dos Espíritos, mas que seria demasiado longo vos detalhar numa carta. Não lembrarei senão o fato de uma discussão de quatro horas que tive no mês de agosto último com dois sacerdotes, e durante a qual me senti verdadeiramente inspirada e forçada a falar com uma facilidade de que eu própria fiquei surpresa. Lamento não poder relatar-vos esta conversa. Isto não vos surpreenderia, mas vos divertiria.

Recebei, etc.

Angelina de Ogé

Há todo um estudo a fazer sobre esta carta. De início, aí vemos um estímulo a orar pelos doentes, depois, uma nova prova da assistência dos Espíritos pela inspiração das palavras que se devem pronunciar em circunstâncias em que se estaria muito embaraçado para falar se se estivesse entregue às próprias forças. É, talvez, um dos gêneros mais comuns de mediunidade, e que vem confirmar o princípio de que todo mundo é mais ou menos médium sem o suspeitar. Seguramente, se cada um se reportasse às diversas circunstâncias de sua vida e observasse com cuidado os efeitos que resente ou de que foi testemunha, não haveria ninguém que não reconhecesse ter alguns efeitos de mediunidade inconsciente.

Mas o fato mais saliente é o do aviso da morte do pai da senhora de Ogé, e o pressentimento com que foi perseguida durante seis meses. Sem dúvida, quando ela foi orar naquele quarto, e creu ver um corpo no leito, que constatou estar vazio,

poder-se-ia, com alguma verossimilhança, admitir o efeito de uma imaginação ferida. O mesmo poderia dar-se com os suspiros que ela ouviu. A pressão da mão também poderia ser atribuída a um efeito nervoso, provocado pela superexcitação de seu espírito. Mas como explicar a coincidência de todos esses fatos com o que se passou quando da morte de seu pai? A incredulidade dirá: puro efeito do acaso; diz o Espiritismo: fenômeno natural devido à ação de fluidos cujas propriedades até hoje foram desconhecidas, submetidas à lei que rege as relações do mundo espiritual com o mundo corporal.

O Espiritismo, ligando às leis da Natureza a maior parte dos fenômenos reputados sobrenaturais, vem precisamente combater o fanatismo e o maravilhoso, que o acusam de querer fazer reviver; ele dá dos que são possíveis uma explicação racional, e demonstra a impossibilidade dos que seriam uma derrogação das leis da Natureza. A causa de uma imensidão de fenômenos está no princípio espiritual, cuja existência vêm provar. Mas como os que negam esse princípio podem admitir as suas conseqüências? Aquele que nega a alma e a vida extracorporal não pode reconhecer os seus efeitos.

Para os espíritas, o fato de que se trata nada tem de surpreendente e se explica, por analogia, com uma multidão de fatos do mesmo gênero, cuja autenticidade não pode ser contestada. Entretanto, as circunstâncias em que se produziu apresentam uma dificuldade; mas o Espiritismo jamais disse que não tinha mais nada a aprender. Ele possui uma chave, cujas aplicações ainda está longe de compreender na sua inteireza; aplica-se a estudá-las, a fim de chegar a um conhecimento tão completo quanto possível das forças naturais e do mundo invisível, no meio do qual vivemos, mundo que nos interessa a todos, porque todos, sem exceção, devemos nele entrar mais cedo ou mais tarde, e vemos todos os dias, pelo exemplo dos que partem, a vantagem de o conhecer antecipadamente.

Nunca repetiríamos em demasia: O Espiritismo não faz nenhuma teoria preconcebida; vê, observa, estuda os efeitos e dos efeitos procura remontar às causas, de tal sorte que, quando formula um princípio ou uma teoria, sempre se apóia na experiência. É, pois, rigorosamente certo dizer que é uma ciência de observação. Os que fingem nele não ver senão uma obra de imaginação, provam que lhe ignoram as primeiras palavras.

Se o pai da senhora de Ogé tivesse morrido, sem que ela o soubesse, na época em que sentiu os efeitos de que falamos, esses efeitos se explicariam da maneira mais simples. Desprendido do corpo, o Espírito teria vindo a ela avisá-la de sua partida deste mundo, e atestar sua presença por uma manifestação sensível, com o auxílio de seu fluido perispiritual; isto é muito freqüente. Comprendemos perfeitamente que aqui o efeito é devido ao mesmo princípio fluídico, isto é, à ação do perispírito; mas, como a ação material do corpo, que ocorreu no momento da morte, pôde produzir-se identicamente seis meses antes dessa morte, quando nada de ostensivo, doença ou outra causa, podia fazê-la pressentir?

Eis a explicação a respeito, dada na Sociedade de Paris:

“O Espírito do pai dessa senhora, em estado de desprendimento, tinha um conhecimento antecipado de sua morte e da maneira por que ela se daria. Sua vista espiritual abarcando um certo espaço de tempo, para ele é como se a coisa estivesse presente, embora no estado de vigília não lhe conservasse qualquer lembrança. Foi ele próprio que se manifestou à sua filha, seis meses antes, nas condições que deviam se produzir, a fim de que, mais tarde, ela soubesse que era ele e que, estando preparada para uma separação próxima, não ficasse surpreendida com a sua partida. Ela mesma, como Espírito, tinha conhecimento disto, porque os dois Espíritos se comunicavam em seus momentos de liberdade. É o que lhe dava a intuição de que alguém devia morrer naquele quarto.

Essa manifestação ocorreu igualmente com o objetivo de fornecer um assunto de instrução a respeito do conhecimento do mundo invisível.”

Variedades

ESTRANHA VIOLAÇÃO DE SEPULTURA

(Estudo psicológico)

O *Observateur*, de Avesnes (20 de abril de 1867) relata o caso seguinte:

“Há três semanas um operário de Louvroil, chamado Magnan, de 23 anos, teve a infelicidade de perder sua mulher, atingida por uma doença do peito. O profundo pesar que sentiu logo foi aumentado pela morte do filho, que não sobreviveu à mãe senão alguns dias. Magnan falava sem cessar da esposa, não querendo acreditar que ela o tivesse deixado para sempre e imaginando que não tardaria a voltar. Era em vão que seus amigos buscavam consolá-lo; ele os repelia a todos e se fechava em sua aflição.

“Quinta-feira última, após muitas dificuldades, seus camaradas de oficina convenceram-no a acompanhar até a estrada de ferro um amigo comum, militar em licença que voltava ao seu regimento. Mas apenas chegado à estação, Magnan esquivou-se e voltou sozinho à cidade, ainda mais preocupado que de costume. Tomou num cabaré alguns copos de cerveja, que acabaram de o perturbar, e foi nessas disposições que entrou em casa, por volta das nove horas da noite. Achando-se só, o pensamento de que sua mulher não mais estava lá, o superexcitou ainda, e experimentou um desejo insuperável de a rever. Então tomou uma velha enxada e uma *relha* em mau estado, e foi ao cemitério, onde, a despeito da

obscuridade e da chuva torrencial que caía no momento, logo começou a tirar a terra que cobria sua cara defunta.

“Somente depois de várias horas de trabalho sobre-humano conseguiu tirar o caixão da fossa. Só com as mãos e quebrando todas as unhas, arrancou a tampa; depois, tomando nos braços o corpo de sua pobre companheira, levou-o para casa e o pôs no leito. Seriam, então, três horas da manhã, aproximadamente. Depois de ter feito um bom fogo, descobriu o rosto da morta; em seguida, quase alegre, correu à casa da vizinha que a tinha amortalhado, para dizer que sua mulher voltara, como ele havia predito.

“Sem dar a menor importância às palavras de Magnan, que, dizia ela, tinha visões, levantou-se e o acompanhou até a casa dele, a fim de o acalmar e fazê-lo deitar-se. Imagine-se a sua surpresa e o seu pavor, vendo o corpo exumado. O infeliz operário falava à morta como se ela pudesse escutá-lo e procurava com tocante tenacidade obter uma resposta, dando à sua voz uma doçura e toda a persuasão de que era capaz. Essa afeição além do túmulo oferecia um doloroso espetáculo.

“Entretanto, a vizinha teve a presença de espírito de convencer o pobre alucinado a repor sua mulher no caixão, o que ele prometeu, vendo o silêncio obstinado daquela que julgava ter chamado à vida. Foi sob a fé de tal promessa que ela voltou para casa, mais morta do que viva.

“Mas Magnan não se deu por vencido; foi despertar dois vizinhos, que se levantaram, como a primeira, para tentar tranquilizar o infortunado. Como ela, passado o primeiro momento de estupefação, eles o compeliram a levar a morta para o cemitério; e desta vez, sem hesitar, tomou a mulher nos braços e voltou a depositá-la no caixão de onde a havia tirado, recolocou-a na fossa e a recobriu com terra.

“A mulher de Magnan estava enterrada há dezessete dias; não obstante, ainda se achava em perfeito estado de conservação, pois a expressão de seu rosto era exatamente a mesma do momento em que foi enterrada.

“Quando interrogaram Magnan no dia seguinte, ele pareceu não se lembrar do que havia feito nem do que se tinha passado algumas horas antes. Apenas disse que acreditava ter visto sua mulher durante a noite.” (*Siècle*, 29 de abril de 1867.)

INSTRUÇÕES SOBRE O FATO PRECEDENTE

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médium: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo)

Os fatos se mostram em toda parte, e tudo quanto se produz parece ter uma direção especial, que leva aos estudos espirituais. Observai bem, e a cada instante vereis coisas que, à primeira vista, parecem anomalias na vida humana, e cuja causa procurariam inutilmente noutra lugar que não fosse na vida espiritual. Sem dúvida, para muita gente são apenas fatos curiosos, nos quais não pensam mais, tão logo virada a página; mas outros pensam mais seriamente; procuram uma explicação e, à força de ver a vida espiritual erguer-se diante deles, serão mesmo obrigados a reconhecer que somente aí está a solução do que não podem compreender. Vós, que conheceis a vida espiritual, examinai bem os detalhes do fato que acaba de vos ser lido, e vede se ela não se mostra com evidência.

Não penseis que os estudos que fazeis sobre esses assuntos de atualidade e outros sejam perdidos para as massas, porque, até agora, eles quase só vão aos espíritas, aos que já se acham convencidos. Não. Primeiro, ficai certos de que os escritos espíritas vão além dos adeptos; há pessoas muito interessadas na

questão para não se manterem a par de tudo o que fazeis e da marcha da Doutrina. Sem que o pareça, a sociedade, que é o centro onde se elaboram os trabalhos, é um ponto de mira, e as soluções sábias e racionais que dela saem fazem refletir mais do que pensais. Mas dia virá em que esses mesmos escritos serão lidos, comentados, analisados publicamente; neles colherão a mancheias os elementos sobre os quais devem assentar-se as novas idéias, porque aí encontrarão a verdade. Ainda uma vez, ficai convencidos de que nada do que fazeis está perdido, mesmo para o presente, e com mais forte razão para o futuro.

Tudo é assunto de instrução para o homem que reflete. No fato que vos ocupa, vedes um homem possuindo suas faculdades intelectuais, suas forças materiais, e que parece, por um momento, completamente despojado das primeiras; pratica um ato que, à primeira vista, parece insensato. Pois bem! aí está um grande ensinamento.

Isto aconteceu? perguntarão algumas pessoas. O homem estava em estado de sonambulismo natural, ou sonhou? O Espírito da mulher estava implicado nisto? Tais as perguntas que podem ser feitas a este respeito. Ora! o Espírito da sra. Magnan esteve muito nesse negócio, e muito mais do que podiam supor os próprios espíritas.

Se se seguir o homem com atenção desde o momento da morte de sua mulher, ver-se-á que ele muda pouco a pouco; desde as primeiras horas da partida da esposa, vê-se o seu Espírito tomar uma direção, que se acentua cada vez mais, para chegar ao ato de loucura da exumação do cadáver. Há neste ato outra coisa além do pesar; e, como ensina *O Livro dos Espíritos*, como o ensinam todas as comunicações: não é na vida presente, é no passado que se deve buscar a causa. Não estamos aqui senão para realizar uma missão ou pagar uma dívida; no primeiro caso, realiza-se uma tarefa voluntária; no segundo, fazei a contrapartida

dos sofrimentos que experimentais e tereis a causa desses sofrimentos.

Quando a mulher morreu, lá ficou em Espírito, e como a união dos fluidos espirituais e dos do corpo era difícil de romper, em razão da inferioridade do Espírito, foi-lhe preciso certo tempo para retomar sua liberdade de ação, um novo trabalho para a assimilação dos fluidos; depois, quando ela estava em condições, apoderou-se do corpo do homem e o possuiu. Eis, pois, aqui um verdadeiro caso de possessão.

O homem não é *mais ele*, e notai: não é mais ele senão quando vem a noite. Seria preciso entrar em longas explicações para vos fazer compreender a causa desta singularidade; mas, em duas palavras: a mistura de certos fluidos, como em química a de certos gases, não pode suportar o brilho da luz. Daí porque certos fenômenos espontâneos ocorrem mais vezes à noite do que de dia.

Ela possui este homem; leva-o a fazer o que ela quer; é ela quem o conduz ao cemitério para o obrigar a fazer um trabalho sobre-humano e fazê-lo sofrer. E, no dia seguinte, quando perguntam ao homem o que se passou, ele fica estupefato e só se lembra de ter sonhado com a esposa. O sonho era realidade; ela tinha prometido voltar e voltou; ela voltará e o arrastará.

Numa outra existência, foi cometido um crime; o que queria vingar-se deixou o primeiro encarnar-se e escolheu uma existência que, pondo-o em relação com ele, lhe permitia realizar sua vingança. Perguntareis por que essa permissão? mas Deus nada concede que não seja justo e lógico. Um quer se vingar; é preciso que tenha, como prova, ocasião de dominar seu desejo de vingança, e o outro deve sofrer a prova e pagar o que fez sofrer o primeiro. Aqui o caso é o mesmo; apenas, não estando terminados os fenômenos, não se estende mais por muito tempo: ainda existirá outra coisa.

Bibliografia

À VENDA NO DIA 6 DE JANEIRO DE 1868

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

Por Allan Kardec⁵

SUMÁRIO

Introdução.

I – *Caráter da revelação espírita.*

II – *Deus* – Existência de Deus – Da natureza divina – A Providência – A visão de Deus.

III – *O bem e o mal* – Origem do bem e do mal – A inteligência e o instinto – Destruição dos seres vivos uns pelos outros.

IV – *Papel da Ciência na Gênese.*

V – *Antigos e modernos sistemas dos mundos.*

VI – *Uranografia geral* – O espaço e o tempo – A matéria – As leis e as forças – A criação primeira – A criação universal – Os sóis e os planetas – Os satélites – Os cometas – A Via-Láctea – As estrelas fixas – Os desertos do espaço – Eterna sucessão dos mundos – A vida universal – A Ciência – Considerações Morais.

5 Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre, Paris. – Um grosso volume in-12. Preço: 3 fr. 50; pelo correio: 4 fr. As despesas de correio para esta obra, como para as outras, são as para a França e a Argélia. Para o estrangeiro, os preços variam conforme o país, a saber: Bélgica, 65 c. – Itália, 75 c. – Inglaterra, Suíça, Espanha, Grécia, Constantinopla, Egito, 1 fr. – Prússia, Baviera, 1 fr. 20 c. – Holanda, 1 fr. 50 c. – Portugal, Estados Unidos, Canadá, Canárias, Guadalupe, Caiena, México, Maurício, China, Buenos-Aires, Montevidéo, 1 fr. 45 c. – Holanda, 1 fr. 50. – Brasil, 1 fr. 80. – Ducado de Baden, 2 fr. 25 c. – Peru, 2 fr. 60 c. – Áustria, 3 fr. 20 c.